



# Primeiras representações da identidade de gênero e da diversidade nas histórias em quadrinhos de super-heróis estadunidenses

*Early representations of gender identity and diversity in American superhero comics*

Valéria Aparecida Bari <sup>a,\*</sup> 

Rubem Borges Teixeira Ramos <sup>b</sup> 

**RESUMO:** A formação do leitor é uma temática preponderante nos estudos da Biblioteconomia e, mais recentemente, apropriado pela Ciência da Informação. Contudo, esses estudos se referem mais à acessibilidade, apresentação, mediação e formação do perfil leitor, a partir da produção literária já consagrada pela academia ou disseminada com sucesso pela indústria cultural. Sob a temática dos estudos de gênero, a presente pesquisa tem por objetivo estabelecer um panorama das recentes alterações na representação de personagens com diversidade de gênero, ou seja, pertencentes à comunidade LGBTQIAPN. Tendo em vista a existência de discretas pesquisas sobre a representação da informação junto a estes segmentos sociais no campo da Ciência da Informação, recorrerá de modo interdisciplinar aos aportes teóricos da Teoria da Informação, articulada à Teoria das Representações Sociais (TRS), de Moscovici e a Narratologia de Todorov. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, com metodologia descritiva e de abordagem qualitativa, precedida por pesquisas e vivências em fluxo contínuo dos autores. Como principais constatações, foi verificado que ocorreram duas fases de representação de personagens com diversidade de gênero, a primeira iniciada nos anos 1940 e a segunda iniciada em 1980. Conclui-se que os percalços sociais e as políticas públicas não têm impedido que a Comunidade LGBTQIAPN+ tenha a sua representação na identidade e no imaginário social. Porém, é preciso atentar para o apelo comercial, que pode se apropriar de tais representações como estratégia de marketing, sem contribuir para o necessário diálogo e interlocução social.

**Palavras-chave:** Representações Visuais-Verbais de Diversidade de Gênero; Histórias em Quadrinhos e Representações de Gênero; Mediação de Leitura; Formação do Leitor.

**ABSTRACT:** Reader formation is a preponderant theme in Librarianship studies and, more recently, appropriated by Information Science. However, these studies refer more to accessibility, presentation, mediation and formation of the reader profile, based on literary production already established by the academy or successfully disseminated by the cultural industry. Under the theme of gender studies, this research aims to establish an overview of recent changes in the representation of characters with gender diversity, that is, belonging to the LGBTQIAPN community. Considering the existence of discreet research on the representation of information with these social segments in the field of Information Science, it will resort in an interdisciplinary way to the theoretical contributions of the Theory of Information, articulated to the Theory of Social Representations (TRS), by Moscovici and Todorov's Narratology. It is a bibliographical and documentary research, with a descriptive methodology and a qualitative approach, preceded by research and experiences in continuous flow of the authors. As main findings, it was verified that there were two phases of representation of characters with gender diversity, the first started in the 1940s and the second started in 1980. It is concluded that social mishaps and public policies have not prevented the LGBTQIAPN+ Community has its representation in the identity and in the social imaginary. However, it is necessary to pay attention to the commercial appeal, which can use such representations as a marketing strategy, without contributing to the necessary dialogue and social interlocution.


**Keywords:** Visual-Verbal Representations of Gender Diversity; Comics and Gender Representations; Reading Mediation; Reader Training.

<sup>a</sup> Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil.

<sup>b</sup> Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

\* Correspondência para/Correspondence to: Valéria Aparecida Bari. E-mail: valbari@gmail.com.

Recebido em/Received: 13/08/2023; Aprovado em/Approved: 07/11/2023.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

## INTRODUÇÃO

A formação do leitor é uma temática preponderante nos estudos da Biblioteconomia e, mais recentemente, apropriada pela Ciência da Informação. Contudo, esses estudos se referem mais à acessibilidade, apresentação, mediação e formação do perfil leitor, a partir da produção literária já consagrada pela academia ou disseminada com sucesso pela indústria cultural. A partir dessa constatação, este estudo se propõe a tratar do perfil leitor por meio da observação do caráter identitário da narrativa apresentada, que se torna complexo quando o neófito se alinha à LGBTQIAPN+, entre outras minorias igualmente prejudicadas no protagonismo das narrativas disseminadas pela literatura.

É possível se acompanhar, por meio de estudos do campo da Ciência da Informação, dinâmicas sociais que relacionam a prevalência das relações humanas em relação às questões de diversidade, igualdade e acessibilidade. Em especial, este estudo aborda as primeiras iniciativas que trouxeram a oportunidade da atitude proativa na editoração, com a visibilidade de personagens humanos pertencentes aos segmentos sociais presentes na dinâmica dos discursos de empoderamento da comunidade LGBTQIAPN+, no contexto das histórias em quadrinhos de super-heróis estadunidenses.

Ao escolher a amostragem dos quadrinhos de super-heróis *mainstream* estadunidenses, não há intenção de minorar o valor da produção nacional, mas sim verificar a exploração das intersemioses que a indústria cultural tarda em propiciar aos autores brasileiros. Conhecer, antes de tudo, é empoderar-se e abrir oportunidades, pois a cultura brasileira já é um caldeirão diverso, no qual pode-se criar uma cultura leitora de empoderamento e transformação nos hábitos de vida, que seja multiplicadora de um novo modo de vida para a humanidade.

Sob a temática dos estudos de gênero, referentes à sexualidade humana e sua diversidade, a presente pesquisa tem por objetivo estabelecer um panorama das recentes alterações na representação da informação junto à comunidade LGBTQIAPN+. A apropriação da leitura e das manifestações intersemióticas que tem composto a cena dos super-heróis *mainstream* revela que existem modificações em marcha. Mas, seriam apenas para ampliar o mercado consumidor, ou realmente atribuiriam sentido à diversidade da comunidade LGBTQIAPN+?

Devido à novidade desses estudos, vinculados aos teóricos da Informação, a metodologia aplicada apresenta um caráter interdisciplinar, com o apoio principal da Filologia e Linguística, especialmente em seus estudos literários e históricos, sob o recorte da Teoria das Representações Sociais (TRS), derivada dos aportes da Psicologia de Moscovici (Perdigão; Silveira, 2019). Também filológica, a Narratologia de Todorov viabiliza a escolha das histórias em quadrinhos como texto-fonte e suas intersemioses como manifestações (Fonseca, 2019). A linguagem híbrida das histórias em quadrinhos, como compreendida por autores como Lúcia Santaella (2001), também nos remete à Teoria da Comunicação, assim como os mais recentes estudos da

Biblioteconomia situam estudos desta natureza no fenômeno da mediação da leitura e formação do leitor (Dumont; Mendonça, 2021).

A presente pesquisa se inscreve no conjunto de produções sobre representações sociais e diversidade, às quais têm se dedicado ambos os pesquisadores que são autores da presente comunicação, com concentração relevante a partir da segunda década do séc. XXI. Sob a tematização principal da relação entre as histórias em quadrinhos e a formação do perfil leitor, os estudos se concentraram nos aspectos identitários e suas representações. É importante salientar que uma grande conquista, ou sofrimento, do leitor em formação, é a sua representação na narrativa literária e midiática, nas intersemioses e manifestações emanadas das fontes literárias e, em especial, o espelho no qual todos querem se mirar: as redes sociais.

Compreendendo que é necessária a leitura crítica e a interpretação, os autores também se valem de sua longa experiência leitora, que muitas vezes é necessária ao desvelamento dos enredos e opções editoriais da publicação das histórias em quadrinhos *mainstream*, sobretudo quando se trata dos enredos de super-heróis estadunidenses. Ao vislumbrar a disseminação global desses enredos, que são incorporadas ao imaginário de pessoas em nível global, foi possível verificar que tais representações têm o poder de ingressar na agenda comunicacional, com representatividade semelhante às informações e enredos baseados em fatos reais.

Desse modo, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de alcance descritivo, caráter bibliográfico e de leitura crítica, que tem como propósito explorar e descrever a situação problema da representação da diversidade de gênero sexual, por meio da linguagem híbrida de texto e imagem das histórias em quadrinhos, tendo como recorte amostral de bens culturais a produção de histórias em quadrinhos de super-heróis estadunidense (Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

A pesquisa tem alcance descritivo, ao descrever fenômenos característicos de uma população ou de um objeto selecionado (Sampieri; Collado; Lucio, 2013, p. 102). A partir das leituras progressas da década de 1940, originárias da editoração da DC Comics, temos uma representação feminina com identidade de gênero diversa, a personagem coadjuvante da Mulher-Maravilha, Etta Candy. Posteriormente, com a emergência pública de manifestações sociais crescentes dos homossexuais, parcialmente desencadeadas pela comoção provocada pela epidemia de AIDS e suas repercussões sociais, foram enfocados os enredos de HQ da Marvel Comics cujas narrativas contemplam a personagem Estrela Polar, ressaltando traços e características pertinentes a narrativa, ambientação e a forma como esta personagem e as demais que fazem parte das histórias narradas e da editoração da Marvel Comics.

## **LEITURA E REPRESENTAÇÕES DA DIVERSIDADE DE GÊNERO NOS QUADRINHOS**

Quando nos voltamos para a formação do leitor, verificamos que uma questão incômoda é a da identidade. Existe um prejuízo representativo ao leitor em formação,

quando ele não se reconhece entre os personagens de uma narrativa proposta. Caso extremo e contumaz é a reificada representação negativa da característica identitária do leitor, ou sua invisibilidade nas narrativas.

Sabendo da portabilidade de questões identitárias pela cultura e seus registros, é inclusive passível de observação que a língua e as linguagens trazem consigo suas representações preferenciais, e torna-se necessário desconstruir relações normalizadas cuja carga de preconceito esvazia toda a discussão sobre a diversidade e igualdade social de gênero. Essas representações são construídas pelos sujeitos, mas a sua narratologia implica no reconhecimento de um público-alvo, que pode ser reconhecido apenas como o identitário hegemônico. Ou seja:

Como são construídas pelos sujeitos, tanto a informação como as representações sociais configuram-se em expressões ativas dos indivíduos porque se referem à tomada de posição em um conjunto de relações sociais. Atentando para tais aspectos, aproximamos esses dois conceitos ao universo dos discursos identitários, problematizando o modo como o caráter ideológico da informação incide no processo de constituição dos quadros de sentido responsáveis por delinear uma imagem dissonante do outro e dos grupos onde cada indivíduo encontra-se inserido (Perdigão; Silveira, 2019, p. 2).

Verifica-se que narrar, contar uma história, ainda que sendo produção do espírito e fruto do imaginário, é uma ação que possui estreita relação com a realidade, inserido na cultura originária do narrador que exerce a autorialidade, intersemiose ou editoração do texto-fonte. Interessante é salientar que, tratando-se da amostra escolhida para a observação do fenômeno, as histórias em quadrinhos de super-heróis *mainstream*, produtos da indústria cultural estadunidense, é aceitável afirmar que as questões da representação de gênero também estão ligadas às de representação étnica.

Sob o aspecto da composição do enredo, certos personagens serão redondos e terão protagonismo, pensamento e reflexões presentemente estruturantes. Outros, menos evidentes, representarão ambiências, grupos ou fenômenos sociais necessários à composição da trama. Outros ainda representarão antagonistas, inimigos ou opositores diversos, cuja dicotomia será enfatizada, e sua composição expressará o lado sombrio e cruel, com poucos esclarecimentos sobre a origem desses posicionamentos. Sendo assim:

[...] a psicologia social moscoviana reorienta a visada funcionalista dos pressupostos durkheimianos, enfatizando que as estruturas representacionais não devem ser tomadas como unidades coesas que se legitimam através do seu poder de coerção, uma vez que emergem e se fazem notar no âmbito dos pontos de conflitos instituídos e instituintes da própria cultura. Sendo assim, Moscovici defende que as representações sociais, diferentemente das coletivas, instituem-se não apenas como modo de compreender um objeto particular, mas também como forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire capacidade de definição das maneiras

como as representações expressam seu valor simbólico (Perdigão; Silveira, 2019, p. 4).

Uma vez que se assume o fato de que narrar é, até certo ponto de vista, um fazer autorreferente, evidencia-se a identidade do narrador, ou aquela com que o narrador procura se identificar, para ingressar em uma estrutura mercadológica cuja hegemonia irá designar possibilidades de normalidade ou marginalidade. Sob esta perspectiva, o mercado de quadrinhos de super-heróis *mainstream* está vinculado a uma rede de relacionamentos que viabiliza a intersemiose e, visivelmente, integra os caminhos de monetização dos bens culturais produzidos.

O leitor, por sua vez, é aquele indivíduo capaz de ressignificar o sentido da leitura, uma vez que seu letramento é resultado de repertório construído individualmente, bem como na ambiência social e cultural em que estabelece suas vivências. Esse pensamento encontra respaldo em Chartier (1999), ao afirmar que

Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. (p.91-92).

Ler é uma prática social interpretativa, já que, segundo Freire (2011), é pertinente se enquadrar a leitura enquanto a um fenômeno social, na medida em que ela está condicionada a uma realidade vivida pelo leitor, como membro de uma ou mais determinadas culturas e sociedade, que apresentam posturas e vieses político-ideológicos. Uma vez que estes tenham efetivamente sido compreendidos pelo leitor, por meio de apropriação e de interpretação de sentidos e de significados, é inevitável não se considerar a leitura como condicionadora dos conhecimentos desse leitor no contexto em que vive, e gerando uma consciência rediviva, ou se preferir, uma leitura de mundo sob uma nova ótica. O contexto das narrativas ficcionais não se exime desse raciocínio, inclusive pelo fato de que diversas obras desse rol apresentam e trabalham com o emprego de metáforas, que permitem ao leitor estabelecer ligações e interpretações dentro de sua própria realidade sociocultural, auxiliando-as a serem rearranjadas, suscitar hipóteses e, de forma consciente pelo leitor, serem recorridas e empregadas com propriedade junto a sua realidade.

Muitas dessas hipóteses podem acarretar reflexões que, afinal, realmente exerçam alguma influência junto ao leitor e suas visões quanto ao ambiente sociocultural em que vive, fato que encontra consonância junto a Moscovici em sua Teoria das Representações Sociais (TRS). A presente teoria, criada a partir da repercussão da obra de Serge Moscovici, mereceu o estabelecimento da Rede Mundial Serge Moscovici (REMOSCO), que foi publicizada em maio de 2014. No presente momento, a REMOSCO<sup>1</sup> tem fomentado as pesquisas e os eventos, nos quais é possível disseminar e discutir a

---

<sup>1</sup> Para saber mais sobre a REMOSCO, acesse o site da Cátedra Franco-Brasileira Serge Moscovici. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/catedra-franco-brasileira-sergie-moscovici/remosco/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

obra de Serge Moscovici, por meio do conagraçamento da comunidade internacional de pesquisadores que se apoiam em seu trabalho.

Para viabilizar a aplicação da TSR às histórias em quadrinhos de modo interdisciplinar, sob o ponto de vista da Teoria da Comunicação, Santaella (2001) descreve a função da narrativa, segundo o linguista Peirce, para então enfronhar-se nas propriedades comunicativas das linguagens, preconizando que todas são, em algum nível, híbridas. Em especial, as histórias em quadrinhos pertencem a uma modalidade eclética, que permite representações e esquematizações que comportam situações complexas, de modo sintético e dinâmico. É possível inclusive a representação de sons e movimentos, entremeados de imagens e textos que são integrados na construção da narrativa, acompanhados de metáforas visuais diversas.

São ainda visuais-verbais a charge e os quadrinhos. Em ambos os casos, os cruzamentos entre dois sistemas de linguagem são tão evidentes, isto é, operam-se no nível superficial de duas sintaxes semióticas, que dispensam comentários mais detalhados (Santaella, 2001, p. 384).

A linguagem híbrida das histórias em quadrinhos recebe grande potencialização na indústria cultural estadunidense, principalmente quando se fala das obras ficcionais de super-heróis. É uma narrativa cuja disseminação e intersemiose assumem uma dimensão global que, a partir do séc. XXI, assumem as mais elaboradas produções cinematográficas, além de uma crescente indústria de jogos digitais. Relacionada ao modo de produção dos quadrinhos de super-heróis, está “[...] a importância que a informação e as dinâmicas informacionais assumem junto aos processos de elaboração e mediação das representações sociais” (Perdigão; Silveira, 2019, p. 7). A produção de significados dessas intrincadas narrativas operam junto ao imaginário tanto da sociedade estadunidense como também em escala mundial, podendo extrair da marginalidade ou invisibilidade assuntos socialmente complexos, como por exemplo, a discussão sobre a comunidade LGBTQIAPN+, antes reduzida ou minimizada.

A globalização, por conseguinte, reduziu em muito a rigidez das identidades, tornando-as mais fluidas, segundo a teorização de Bauman (2003), que distingue a Pós-Modernidade pela alteração das relações humanas, justamente influenciada pela Comunicação e as possibilidades de representar e fazer-se representar, sobretudo em vivências virtuais e assíncronas. Junto a esta identidade líquida e fluida, a identidade pós-moderna também supera a questão da massificação, que exercia reducionismo sobre as características individuais e coletivas da sexualidade, tendo propiciado a discussão social e tipificação de variedades identitárias em relação ao gênero. Na segunda década deste milênio, a sigla LGBTQIAPN+ representa o fim da invisibilidade dos seguintes sujeitos sociais: lésbicas; gays; bissexuais; transgêneros; queer; intersexuais; assexuais; pansexuais; e não-binários. Essa nova visão social cria a possibilidade de estabelecer analogias, verificando a distinção entre a identidade de gênero heterocisnormativa e a diversidade da Comunidade LGBTQIAPN+, recuperada por meio das representações nos enredos midiáticos.

As histórias em quadrinhos, com sua linguagem híbrida de texto e imagem, propiciam a eclosão de uma ética e de uma estética diversa, ao mesmo tempo em que permitem a intersemiose dos enredos, transliterados em manifestações artísticas, dramáticas, fílmicas ou derivativas em jogos, com uso de recursos de representação de hiper-realidade. A identidade de gênero, sob a referida fluidez, permite o enriquecimento de tramas e narrativas, associando temas universais às questões de foro mais íntimo, e propiciando visões polissêmicas da humanidade. A narratologia das histórias em quadrinhos, levando em conta que existem narrativas sobre fatos reais e ficcionais relevantes que lançam mão desta mídia e linguagem, consideram três aspectos genettianos, passíveis de contemplação neste estudo:

Numa narrativa não ficcional (um relato histórico, por exemplo), primeiro tem-se a história (os fatos, os acontecimentos), depois a narração (a redação do historiador), e por fim a narrativa, o relato produzido, passível de sobreviver ao ato da narração. Só essa permanência autoriza a considerar a narrativa posterior à narração. Na ficção, por outro lado, a narração instaura, ao mesmo tempo, história e narrativa (Wink, 2022, p. 120).

A configuração do tempo e espaço nas histórias em quadrinhos também se reveste de componentes lineares ou cíclicos das narrativas. Pode-se, por exemplo, estabelecer um ciclo que livra o narrador e seus leitores de lidar com questões como o crescimento, o envelhecimento, a procriação e os laços de parentesco e matrimônio. Por outro lado, a linearização e a passagem do tempo podem dinamizar uma relação causal, e aprofundar as discussões de temas sociais pouco perceptíveis. No caso das narrativas em quadrinhos voltadas para os super-heróis *mainstream* estadunidenses, a própria lógica da indústria do entretenimento criou a possibilidade de superar a desconfiança em relação a essas discussões, que foi pesadamente discutida sob a vigência da *Comics Code Authority* (CCA), no período entre 1954 e 1971. Desse modo:

Além das óbvias propriedades de lazer e entretenimento, os enredos dos Supertimes também colocam em relevo temas sociais que acompanham a humanidade no século XXI. Além disso, na fantasia dos super-heróis está o reflexo da própria natureza humana, na contemplação artística e literária que nos aproxima e faz refletir sobre os objetivos da vida, os valores universais, o comportamento ágape e a aceitação das diferenças como características da cultura (Bari, 2020, p. 174).

A cultura, no sentido literal, preserva a construção do conhecimento humano, normatizando e regulando as vivências humanas em nível pessoal, local, regional e mundial, mediando inclusive o que é aceitável como ético, estético e apropriado. “No mundo das ações práticas, a leitura, enquanto manifestação cultural inventiva, acontece de maneira vigiada.” (Mendonça; Dumont, 2021, p.43). Porém, a própria cultura cria oportunidades de reconhecer e trilhar os caminhos da mudança, em todos os seus níveis e categorias. Isso é um fundamento trazido da natureza, na qual a adaptabilidade equivale à sobrevivência. O indivíduo participa da criação e recriação da cultura. Desse modo, as representações criadas pelo autor e incorporadas à sua narrativa não são basicamente aquelas que vão resultar da leitura. “Nesses termos, a

leitura que se caracteriza como breve e sutil desfrute, revela-se potencialmente transformadora da ordem social” (Mendonça; Dumont, 2021, p.46).

Chegando finalmente à discussão da sexualidade no âmbito da cultura da leitura, é necessário salientar que a narrativa dos quadrinhos se estabelece como disseminadora de possibilidades que suplantaram, no século XXI, a superficialidade do corpo biológico. Para Mendonça e Dumont (2021), na cultura:

O corpo biológico revela-se incompleto e dependente da instância simbólica proveniente da cultura para subsistir, do mesmo modo que, sem a base biológica ou genética, o cultural não existe. Esse dialógismo, assim como a dialética que lhe envolve, perpassa outras camadas de relação cultural, aproximando e fazendo coabitar outros aparentes antagônicos, como o caso do individual e do coletivo, que se interpenetram numa relação que, particularmente, na Psicologia Social, no âmbito da Teoria das Representações Sociais [...] (p.47).

A leitura dos quadrinhos de super-heróis, por conseguinte, pode abordar a natureza humana em sua singularidade, mas certamente vai discutir os fatores que fazem o diferente fazer parte de uma coletividade, sendo valorizado em suas diferenças que criam oportunidades de contribuições únicas.

A progressiva visibilidade social da Comunidade LGBTQIAPN+ é fruto da sua organização e militância política. Mas, certamente, pode ter sido vista como uma oportunidade para ampliar e fidelizar o público-alvo de bens culturais, sobretudo na indústria cultural estadunidense. Como exemplos, a presente pesquisa estabelecerá um comparativo entre os primeiros personagens presumidamente pertencentes a estas comunidades, respectivamente concebidos nas duas principais editoras concorrentes na indústria cultural estadunidense, ligadas aos quadrinhos de super-heróis: a Detective Comics e a Marvel.

## **A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO E DIVERSIDADE NAS HQ DE SUPER-HERÓIS: ORIGENS NA DC COMICS**

A casa publicadora Detective Comics (DC) surge a partir de reformulações de um negócio já consolidado de editoração, a partir de março de 1940, apropriando-se do título de uma de suas revistas mais rentáveis e criando uma logomarca forte. Na mesma companhia, foram concebidos os principais personagens dos quadrinhos da Era de Ouro: Batman, Superman e Wonder Woman (Mulher-Maravilha). A última, de autoria de William Moulton Marston, psicólogo forense, e suas três esposas: Sadie Elizabeth Holloway, uma acadêmica com grande proeminência nos campos da Psicologia, Direito e Comunicação; Olive Byrne, médica; e Marjorie Wilkes Huntley, Bibliotecária e Documentalista. Entre os personagens coadjuvantes da Mulher Maravilha, em sua versão original, situa-se a personagem Etta Candy, representando (Figura 1), nos anos 1940, a mulher inteligente, emancipada e bissexual (Bari, 2022).



**Figura 1.** Etta Candy apoiando a Mulher-Maravilha em ação.



Fonte: (Bricken; Whitbrook, 2016, n.p.).

Com algumas aparições infantis, Etta Candy logo se desenvolve como representação das universitárias dos anos 1940. Ela é uma jovem extremamente inteligente (Figura 2), que chega a receber o “Grande Prêmio Internacional, pela descoberta da Vitamina L-3” (Lepore, 2017, p. 36), fato retratado na obra ficcional original de quadrinhos da década de 1940. Etta não possui superpoderes, porém sua inteligência e perspicácia a fazem descobrir tramas e vencer perigosos opositores.

**Figura 2.** Etta Candy estudando no final do semestre.



Fonte: (Bricken; Whitbrook, 2016, n.p.).

A personagem apareceu, pela primeira vez na história em quadrinhos “A ameaça do Dr. Veneno”, publicada na revista Sensation Comics da DC, em fevereiro de 1942. Seu apetite e, provavelmente, as longas horas de atividades de estudo, a fazem uma jovem robusta, com grande predileção por chocolate (Figura 3). Suas aventuras amorosas apresentam, de forma difusa, romances com colegas de ambos os sexos, presentes na república e da universidade.

Entretanto, o que destacou a sexualidade de Etta Candy foi a redenção da personagem Gay, uma jovem suicida. Segundo Lepore:

Marston depois escreveu uma história na qual a Mulher-Maravilha pula nas Quedas do Niágara para resgatar uma linda menina chamada Gay, a qual está tentando se afogar. (mulheres que

amavam outras mulheres começaram a tratar-se por “gays” nos anos 1920: Gertrude Stein usou a palavra em 1922.) “Pobre criança! Que vida horrível você teve!”, diz a Mulher Maravilha à Gay após resgatá-la. “O que está lhe faltando é diversão!” Ela a leva à Hollyday College e a apresenta à Etta Candy na Beeta Lambda: “Quero que você se encarregue desta menina e faça ela se divertir!” Etta ensina a Gay como brincar. “A diversão me fez uma nova garota”, diz Gay (Lepore, 2017, p.145).

**Figura 3.** Candy explica à Prince as vantagens do doce sobre o homem.



**Fonte:** (Bricken; Whitbrook, 2016, n.p.).

Com a morte prematura de Marston em 1947, houve a perda dos direitos sobre a Mulher-Maravilha pelas suas esposas e cocriadoras. A Mulher-Maravilha passou a receber descaracterizações e muitos maus tratos. Embora a principal questão despertada pelas ações do comitê da *Comics Code Authority*, em 1950, tenha sido a da presença de uma relação homossexual entre os personagens Batman e Robin, os processos civis e criminais dirigidos à editora DC Comics e seus colaboradores incluíram entre as obras negativamente classificadas o título Mulher-Maravilha, onde estava presente Etta Candy, entre outras. Certamente, para a sobrevivência da organização, foi necessária a supressão dos conteúdos considerados impróprios, com prejuízo da continuidade até que a política pública estadunidense enfraquecesse essa visão, na década de 1980.

Etta Candy desapareceu por muitos anos, tendo sido reabilitada pela roteirista Mindy Newell somente a partir de 1986. Nesta nova versão, Etta Candy foi submetida a sérias restrições editoriais, tendo se tornado uma secretária nas forças armadas (Figura 4), e sendo destituída de seus atributos de cientista (Bari, 2022).

Em 1987, Etta Candy chegou a casar-se com Steve Trevor, o que representou uma solução para o romance entre ele e a Mulher-Maravilha, que havia perdido o sentido para a construção do enredo. Contudo, essa união não foi sustentada ao longo da continuidade da linha do tempo da Mulher-Maravilha, nem dos arcos distintos nos quais é retomada a personagem Etta Candy.

Figura 4. Etta Candy como secretária de Darnell.



Fonte: (Brian, 2016, n.p.).

Em 2005, Grant Morrison, Ryan Sook e Mick Gray publicaram, na *Graphic Novel Seven Soldiers*: Zatanna, uma reformulação de Candy, como conselheira da protagonista Zatanna Zattara, criada por Robert Kanigher. Em 2008, Candy volta a ser reintroduzida em outra *Graphic Novel*, por Gail Simone. A Etta Candy de Simone é, contudo, uma jovem extremamente magra, presumivelmente bulímica (Figura 5), e com aparência masculinizada.

O retorno de Etta Candy ocorreu em um arco narrativo, ou seja, num título regular, na política editorial denominada DC Rebirth, implantada em 2016. Nessa nova abordagem, Etta Candy torna-se negra (Figura 6), e lhe são restituídas a massa corporal e a extrema inteligência.

**Figura 5.** Etta Candy como oficial da Inteligência.



Fonte: (Writeups Org, 2020).

**Figura 6.** Etta Candy negra.



Fonte: (Johnston, 2016).

Em 2020, em uma nova representação de mulher negra cross-dresser, Etta Candy retoma seu protagonismo na *Graphic Novel* “Mulher-Maravilha: Volte para mim” (Figura 7), com autoria de Amanda Conner, Jimmy Palmiotti, e Chad Hardin. Foi decidido que sua publicação merecia uma edição impressa de luxo no Brasil, com o título alinhado à Liga da Justiça da América.

Figura 7. Mulher-Maravilha, Etta Candy e Jonah Hex em “Mulher-Maravilha Volte Para Mim”.



Fonte: Site Ultmato do Bacon (2020).

Figura 8. Mulher-Maravilha e Etta Candy em charge de Danya 244.



Fonte: Charge de Danya 244<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.tumbex.com/luanna801.tumblr/post/660359282124079104/danya224-saw-wonder-woman-today-and-etta-was-my>. Acesso em: 13 ago. 2023.

Dentre as muitas tensões junto a representação da personagem Etta Candy, e as transformações até certo ponto identificadas segundo uma política editorial mercadológica, encontra-se a questão da estética corporal. Enquanto sua concepção ocorre de modo a representar o corpo e sexualidade feminina como diversa, as reaparições subsequentes tentam suprimir algumas das características, ou recombina-las sob uma afirmação parcial. Como acontece repetidamente com Etta Candy, retirar da representação o corpo mostra a disputa e a negação cultural à formação da identidade (BARI, 2022). Além da sexualidade, a identidade que se propõe ultrapassar as estreitas fronteiras estipuladas para a beleza feminina. Também passa a ser discutida, por meio da Arte, a própria essência da beleza.

O corpo é também o local de construção da nossa identidade, uma vez que “a existência é corporal” (LEBRETON, 2006, p. 24). O corpo, portanto, não é algo que temos, mas algo que somos. Ao tematizá-lo, estamos nos referindo a nós mesmos, à nossa subjetividade, àquilo que parecemos ou que gostaríamos de parecer. Isso remete a entender que o corpo resulta de um contínuo e minucioso processo pedagógico, cuja ação conforma modos de ser e de se comportar. Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização nos quais circulamos cotidianamente. Pensar o corpo dessa maneira pressupõe saberes ancorados em referenciais teóricos e políticos que possibilitam desnaturalizá-lo (Goellner, 2019, p. 142).

A mais recente aparição de Etta Candy se fez oportuna em uma manifestação intersemiótica do título Mulher-Maravilha, o primeiro filme produzido para a referida super-heroína. No longa metragem denominado Mulher-Maravilha (2017), repleto de efeitos especiais, Etta Candy figura como secretária de Steve Trevor, e tem pouco destaque, porém retoma a sua aparência original dos quadrinhos da década de 1940, com seus cabelos ruivos e corpo robusto (Figura 8). A audiência ao filme, contudo, reconheceu, fato que inclusive levou à produção de charges viralizadas nas redes sociais, criticando os rumos escolhidos para a personagem.

## **A MARVEL COMICS E SUAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS ENREDOS DE SUPER-HERÓIS**

A editoração Marvel Comics tem se destacado, entre os quadrinhos de super-heróis *mainstream*, na representação de minorias, embora muitas vezes sem congruência em relação à genealogia original das personagens. Em uma leitura crítica, isto pode gerar dúvidas em relação às intenções desta política editorial: trazer visibilidade étnica e representativa da Comunidade LGBTQIAPN+, ou responder à uma demanda reprimida de caráter comercial.

A efeméride de grande importância para o nascimento do primeiro personagem homossexual declarada da Marvel Comics, Estrela Polar (North Star). Segundo Cruz (2015), foi a inclusão da referida condição de diversidade de gênero na Classificação Internacional de Doenças (CID), pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em nível

da sociedade estadunidense, um embate na comunidade científica da Medicina levou a uma divergência na classificação da Associação Americana de Psiquiatria (APA):

[...] apesar de a Organização Mundial de Saúde ainda manter a homossexualidade na Classificação Internacional de Doenças (CID), a Associação Americana de Psiquiatria deixou de assim considerá-la – o que coincide com o início das lutas por direitos civis dos homossexuais nos Estados Unidos. E então, no ano de 1979, dá-se a criação daquele que viria a ser o primeiro super-herói gay dos quadrinhos: o canadense Jean-Paul Beaubier, conhecido como Estrela Polar (no original, Northstar) (Cruz, 2015. n.p.).

O tema da epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), entre as décadas de 1980 e 1990, não passou incólume para o universo Marvel. O personagem Estrela Polar, que já se encontrava em atuação no Universo Marvel desde 1979, entre os personagens componentes do título X-Men, passa a protagonizar a representação da homossexualidade masculina, durante a década de 1990. Segundo Cruz (2017):

Jean-Paul foi criado pelo quadrinhista John Byrne como integrante da superequipe mutante do Canadá, a Tropa Alfa – que, originalmente, deveria fazer apenas algumas participações como antagonista dos X-Men. Seus superpoderes incluem voo, supervelocidade e manipulação da luz – algumas das quais, segundo a biografia da personagem, ele utilizou para tornar-se campeão mundial de esqui, antes de ser convidado pelo governo canadense a tornar-se parte da Tropa (p. 127).

Criação de Chris Claremont e John Byrne, Estrela Polar é um personagem que nasce muito reservado, sendo secundário em relação ao enredo dos X-Men. Estrela Polar nasce como o canadense Jean-Paul Beaubier, cuja presença familiar mais constante é a da irmã Jeanne-Marie Beaubier, que também é a mutante Aurora. É natural de Montreal, falante da língua francesa.

Estrela Polar quebrou barreiras novamente ao se casar com o parceiro de longa data Kyle Jinadu. O casamento deles em *Surpreendentes X-Men #51* (2012) foi a festa mutante da década, uma cerimônia de super-heróis que (inacreditavelmente) aconteceu sem problemas (Manso, 2020, s/p).

A partir de 1990, forma-se o núcleo familiar de Estrela Polar, com a apresentação do marido, Kyle Jinadu-Beaubier, e do filho adotivo, Joanne Beaubier, que falece em decorrência da AIDS contraída durante a gestação.

O tema da adoção por pais do mesmo sexo, homossexualidade e AIDS são tratados por meio de um episódio perturbador, no qual a personagem Major Maple-Leaf expõe a homossexualidade em toda a sua condição de marginalidade, em uma narrativa com publicação na revista *Alpha Flight*, número #106, em março de 1992 (Figura 9).

**Figura 9.** Casamento de Estrela Polar com Kyle Jinadu.



Fonte: (Manso, 2020, n.p.).

**Figura 10:** Joanne Beaubier recebendo cuidados intensivos devido à AIDS.



Fonte: (Smee, 2018, n.p.).

Transcrevendo o monólogo de Estrela Polar, ao contestar os argumentos de Maple-Leaf (Figura 11), verifica-se que a questão da AIDS é muito sensível, e foi instrumentalizada para agravar a situação de marginalidade dos homossexuais:

Nem me fale sobre as dificuldades que os homossexuais devem suportar. Ninguém as conhece melhor do que eu. Por enquanto não estou inclinado a discutir minha sexualidade com pessoas que não



são da conta delas. Eu sou gay. Seja como for, a AIDS não é uma doença restrita aos homossexuais tanto quanto às vezes parece ao resto do mundo. Queria que assim fosse.<sup>3</sup>

Figura 11. Luta entre Estrela Polar e Maple Leaf.



Fonte: (Smee, 2018, n.p.).

No início do séc. XXI, Mark Millar roteiriza um arco de narrativa, em que a personagem Wolverine mata acidentalmente Estrela Polar, sendo publicamente acusado de homofobia. Porém, o mesmo Millar atua como roteirista em vários arcos dos X-Men, nos quais outros pares românticos sucessores de Estrela Polar mantêm relacionamentos.

Outras demonstrações de que a Marvel Comics seguiu com a política editorial de representar a diversidade sexual são as tentativas de alteração ou aprofundamento identitário de personagens concebidos originalmente como caucasianos e heterossexuais.

O título X-Men constitui-se como o detentor do maior número de representações da Comunidade LGBTQIAPN+, na cena das histórias em quadrinhos de super-heróis estadunidenses (Figura 12). Incluindo Estrela Polar, existem pelo menos 13 protagonistas desse coletivo que publicizaram a homossexualidade, ao longo das duas

<sup>3</sup> Traduzido do original: “Don't even get me on the hardships homosexuals must bear. No one knows them better than I. For while, I am not inclined to discuss my sexuality with people for whom it is none of their business. I am gay. Be that as it may, AIDS is not a disease restricted to homosexuals, as much as it seems at times to the rest of the world. I wanted it to be.”

primeiras décadas do séc. XXI. Segundo Alysson Manso (2020, n.p.), alguns exemplos de revelações iniciam-se na virada do século:

- Deadpool: Wade Wilson, pansexualidade publicada a partir da revista Novos Mutantes #98 (1991)
- Estrela Polar: Jean-Paul-Barbier, homossexualidade publicada a partir da revista Tropa Alfa #106 (1992)
- Rictor: Julio Richter, homossexualidade publicada a partir da revista X-Factor #45 (2005)
- Karma: Xi'an "Shan" Coy Manh, homossexualidade publicada na revista Fabulosos X-Men #508 (2009)
- Daken Akihiro: bissexualidade publicada na revista Vingadores Sombrios #7 (2009)
- Homem de Gelo: Bobby Drake, homossexualidade publicada na revista Novíssimos X-Men #40 (2014)

**Figura 12.** Capa temática X-Men dia do Orgulho Gay.



**Fonte:** (Canella, 2022, n.p.).

As estratégias de alteração da Marvel Comics também incluem alterações na etnia, como ocorreu no caso comparativo da personagem Etta Candy da DC Comics. A Marvel Comics publicou, principalmente a partir da década de 1980, versões femininas de seus personagens consagrados, como foi o caso de She-Hulk, em histórias solo ou como integrante esporádica do supertime Os Vingadores. Porém, as mais significativas alterações de *status* de personagens, no universo dos quadrinhos *mainstream*, como já citado na introdução, concentrou-se na visibilidade étnica.

O próximo personagem a ser submetido à mudança étnica foi Nick Fury, nos quadrinhos, em 2020. Outra alteração significativa nas HQs Marvel é a do aprofundamento das relações familiares. O personagem Gavião-Arqueiro, que representa a princípio os deficientes auditivos, após vários romances, tornou-se um responsável pai de família. Ao treinar a jovem Kate, para que se torne a herdeira Gavião-Arqueira, também ingressa na representação das relações de gênero, na segunda década do séc. XXI.

## **REPRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+: ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS OU AMPLIAÇÃO DE MERCADO CONSUMIDOR?**

A representação da diversidade de gêneros cria efeitos evidentes na formação do leitor. Como amplamente discutido na mediação da leitura literária, tendo por marco teórico por autores consagrados como Michèle Petit (2009), o leitor também busca na leitura o diálogo frente à sua própria identidade. A diversidade presente na identidade do leitor entra em negociação com as representações presentes na narrativa literária, segundo Petit, ao tratar da ressignificação da leitura:

É evidente que o mundo não vê reparados os seus dramas, seus conflitos, suas desigualdades, mas uma margem de manobra se anuncia. [...] Assim é a experiência evocada, sob múltiplas formas, por aquelas ou aqueles que vivem em espaços em crise e que puderam se apropriar de textos ou fragmentos de textos (Petit, 2009, p. 83).

Sendo assim, a pesquisa verificou que, ao menos entre os teóricos da mediação de leitura no século XXI, são corroborados os efeitos verificados nas pesquisas e vivências de observação de campo, às quais os autores deste artigo têm se dedicado na última década. É perceptível que, embora nem sempre seja criticamente o melhor caminho para a ressignificação de um personagem, a representação diversa de sua sexualidade representa a abertura de um caminho de diálogo e ressignificação para muitos leitores.

De um certo modo, a decisão editorial das grandes editoras de histórias em quadrinhos *mainstream* estadunidenses de inserir as identidades sexuais diversas, assim como atentar para as representações étnicas diversas, foi uma valiosa contribuição à inclusão social, voltada principalmente ao público juvenil, com efeitos a partir da chamada Geração X, ou seja, os nascidos entre 1965 e 1980. Com a culminância da epidemia de AIDS e a declaração pública da diversidade de gênero a partir de formadores de opinião, formou-se uma massa crítica que permitiu o aprofundamento deste diálogo, entre a política editorial e seu público leitor. Mariléia Sell, verificando o efeito de leituras envolvendo sexualidade, afirma que:

Como as narrativas são utilizadas para reconstruir eventos passados, elas acabam sendo um recurso valioso na reconstrução da própria realidade. [...] Ainda, ao recontar e negociar versões de determinados eventos, os protagonistas das histórias têm oportunidade de negociar versões do próprio self. Em outras palavras, a maneira como as pessoas contam histórias sobre suas

experiências é também um meio de se posicionarem moralmente frente a estas experiências (Sacks, 1992; Van De Miercorp, 2011; Ochs, 1993), negociando identidades socialmente ratificadas e construindo relações (Sell, 2014, p. 71).

Ao desenvolver estudos sobre os quadrinhos estadunidenses nas últimas duas décadas, assim como as observações em campo, verifica-se a existência de duas fases distintas da representação de gênero, separadas pela Segunda Guerra Mundial. (Bari, 2020, 2022; Ramos, 2017, 2021).

Na primeira fase, com ocorrência na Editora DC Comics, os quadrinhos *mainstream* assumiram a narrativa do movimento feminista, no título Mulher-Maravilha, que trazia a opção da homossexualidade feminina na figura da personagem Etta Candy, a partir de 1942. Porém, sob a regulamentação da *Comics Code Authority*, no ano de 1950, conteúdos de natureza sexual foram suprimidos dos enredos e levaram ao desaparecimento ou invisibilidade de Etta Candy ou outros personagens criados sob a égide da representação da Comunidade LGBTQIAPN+. Com o enfraquecimento desta política pública estadunidense, na década de 1980, a editoração estadunidense em geral foi retomando a questão da representação diversa, entre outros temas polêmicos que haviam sido censurados.

Na segunda fase, agora sob a liderança editorial da Marvel Comics, a homossexualidade masculina foi a representação priorizada e ainda se constitui como a predominante. O primeiro personagem gay da Marvel, Estrela Polar, é um introvertido jovem que mantém sua opção sexual com discrição, sendo até agressivo com pessoas e situações nas quais este tema vem à tona, criado por Chris Claremont e John Byrne. Sua primeira aparição foi no título “X-Men”, número 120 (1979). Nos anos 1980, contudo, a ambiência social e a discussão sobre a dignidade e liberdade da opção sexual traz os eventos mais importantes da representação, que são o casamento homoafetivo e a adoção da criança. Até o presente momento, o supertime X-Men é a comunidade de super-heróis que apresenta a maior diversidade de representação de gênero. Cerca de 10 filmes, dos universos DC e Marvel, têm lançamento previsto a partir do ano de 2023. Neles, personagens antes secundários encontram-se em destaque, devido à verificação de que compensa investir na “diversidade”. Por esta razão, também convém perguntar: a transformação de personagens é voltada para a representação dos grupos sociais antes segregados, ou é uma estratégia comercial?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a questão de partida da presente comunicação, considerando aspectos como a sustentabilidade mercadológica das editoras estadunidenses e as características da comunidade originalmente servida, chegamos às possíveis respostas. Na primeira fase, no caso da editora DC Comics, houve um risco calculado na publicação no título Mulher-Maravilha, incluindo a representação da diversidade de opções sexuais entre as mulheres. A eclosão do *Comics Code*, que reprimiu e processou editores, autores e distribuidores ao ser promulgada, demonstrou que esta discussão

deveria ser suprimida e, ao retornar, seria alvo de muitos cuidados e precauções. Após a Segunda Guerra Mundial, o amadurecimento da visão de mundo criou a oportunidade de retomar as representações da Comunidade LGBTQIAPN+.

Porém nesta segunda fase, discute-se igualmente o apelo comercial, que eventualmente coloca a sexualidade como um elemento ilustrativo, mas pouco desenvolvido em sua representação. No caso mais recente, referente à personagem de quadrinhos América Chavez, da Marvel Comics, pode-se supor que a sua tenra idade e a ausência de relacionamentos acabam por configurar a homossexualidade feminina apenas como uma declaração identitária, que pode não ter correspondência à preferência sexual da personagem. Trata-se de um caso de uma representação que carece de mais estudos e trabalhos específicos, não apenas para identificar sua importância e validação junto ao público leitor homossexual, como também se deve proceder a uma análise quanto a recorrência e a presença nas HQ dessa personagem de um componente de *marketing*, ou seja, o viés comercial.

A continuidade das observações de pesquisa abre caminhos a serem perseguidos em futuras pesquisas e estudos, com vistas a verificação de hipóteses junto a mediação de leitura, inclusive no que tange as possíveis mediações sociais a partir do fenômeno leitura junto a um ou mais públicos leitores, tendo por objetivo identificar e analisar se essas mediações se mostram capazes de contribuir com maior representatividade e diálogo junto a comunidade LGBTQIAPN+, evidenciando e fomentando narrativas que estimulem o diálogo junto a pontos de destaque na atualidade, tais como identidade de gênero, diversidade, empoderamento feminino, além dos elementos próprios da narratologia dos enredos de quadrinhos de super-heróis na produção cultural estadunidense, a qual é na atualidade a maior produtora de HQ desse gênero no mundo.

Tecendo as considerações finais, que são possíveis por meio de ampla observação do campo empírico da leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis estadunidenses, sob um viés positivo, conclui-se que os percalços sociais e as políticas públicas não têm impedido que a Comunidade LGBTQIAPN+ tenha a sua representação na identidade e no imaginário social. Porém, é preciso atentar para o apelo comercial, que pode se apropriar de tais representações como estratégia de marketing, sem contribuir para o necessário diálogo e interlocução social.

## REFERÊNCIAS

BARI, Valéria Aparecida. Etta Candy contra o amargor da sociedade machista, segregacionista e gordofóbica. In: FORTUNA, Danielle Barros Silva (org.) et. al. *Dossiê Mulheres e Arte Sequencial: elas pesquisa, elas produzem*. Goiânia: CEGRAF UFG, 2022. p.190-230. (Coleção Desenredos, 16). Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/Desenredos\\_16.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/Desenredos_16.pdf). Acesso em: 10 jul. 2023.

BARI, Valéria Aparecida. Os Vingadores e a Liga da Justiça: universos imaginários e questões sociais nas histórias em quadrinhos de super-heróis. In: NOVAES, Claudio

Cledson (org.) et al. *Livro, Leitura e inclusão no sertão da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2020. p. 173-196.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BRIAN, C. *Etta Candy's evolution into a government agent*. CBR.COM. Disponível em: <https://www.cbr.com/wonder-woman-etta-candy-evolution/2/>. Acesso em 23 fev. 2020.

CANELLA, Clara. *Marvel celebra mês do Orgulho LGBTQIAP+ com nova HQ*. Site *Athosgls*. 22 março, 2022. Disponível em: <https://athosgls.com.br/marvel-celebra-mes-do-orgulho-lgbtqiap-com-nova-hq/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

CRUZ, Dandara Palankof e. *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*. 2017. 226 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11736>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CRUZ, Dandara Palankof e. *O casamento de Estrela Polar: a evolução da representação social LGBT no imaginário ficcional das HQs de super-heróis*. 3as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 3ª., 2015, São Paulo/SP. 15 f. s/n. *Anais [...]* Disponível em: [https://jornadas.eca.usp.br/anais/3asjornadas/artigos.php?artigo=artigo\\_080620150826142.pdf](https://jornadas.eca.usp.br/anais/3asjornadas/artigos.php?artigo=artigo_080620150826142.pdf). Acesso em: 30 jun. 2023.

FONSECA, Keven Fongaro. *Uma introdução aos fundamentos da Narratologia*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/12830?mode=full>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

GOELLNER, Silvana Vidrole. *Corpo*. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. *Dicionário Crítico de Gênero*. 2. ed. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2019. p. 141-144. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1097/1/dicionario-critico-de-genero.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

JOHNSTON, R. *Etta Candy goes back to plus size for Wonder Woman #1*. *Blending Cool*. 22 jun. 2016. Disponível em: <https://bleedingcool.com/comics/etta-candy-goes-back-to-plus-size-for-wonder-woman-1/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

LEPORE, Jill. *A História secreta da Mulher-Maravilha*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

MANSO, Alysson. Representatividade Importa! Conheça 13 mutantes LGBTQIA+ da Marvel. *Site Universo X-MEN*, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://universoxmen.com.br/2020/06/representatividade-importa-conheca-10-mutantes-lgbtq-da-marvel/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MARVEL COMICS. WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Marvel\\_Comics&oldid=57018910](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Marvel_Comics&oldid=57018910). Acesso em: 22 dez. 2019.

MENDONÇA, Ismael Lopes; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura sob o prisma da cultura: o contexto em evidência. In: DUMONT, Lígia Maria (org.); MENDONÇA, Ismael Lopes (org.). *Leitor, leitura e seus contextos: livro de estudos*. Florianópolis: Rocha, 2021. p. 29-52.

MULHER-MARAVILHA VOLTE PRA MIM – O ULTIMATO. *Site Ultimato do Bacon*. 2020. Disponível em: <https://ultimatodobacon.com/mulher-maravilha-volte-pra-mim-o-ultimato/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MULHER-MARAVILHA. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mulher-Maravilha&oldid=58914423>. Acesso em: 23 fev. 2020.

NALIATO, Samir. Panini lança Mulher-Maravilha – Volte para mim: parte de projeto da DC com distribuição alternativa. *Universo HQ*. 7 maio 2020. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/panini-lanca-mulher-maravilha-volte-para-mim-parte-de-projeto-da-dc-com-distribuicao-alternativa/>. Acesso em 25 maio 2020.

PERDIGÃO, Juliana Andrade; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Informação simbólica, representações sociais e identidade: aproximações conceituais. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 185-211, jan./abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245251.185-211>. Acesso em: 13 ago. 2023.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. *Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics*. 2017. 252 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AXWMUC>. Acesso em: 12 jun. 2023.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Contribuições da etnometodologia na compreensão da relação entre o leitor de histórias em quadrinhos de super-heróis e sua leitura. In: DUMONT, Lígia Maria; MENDONÇA, Ismael Lopes (orgs.). *Leitor, leitura e seus contextos: livro de estudos*. Florianópolis: Rocha, 2021. p. 279-314.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandes; LUCIO, Maria del Pilar. *Metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes de linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001. 432 p.

SMEE, Guilherme. Conheça a HQ em que o Estrela Polar se Assumiu Gay. *Site Splashpages Wordpress*. 5 de março de 2018. Disponível em:

<https://splashpages.wordpress.com/2018/03/05/conheca-a-hq-em-que-o-estrela-polar-se-assumiu-gay/> . Acesso em: 12 ago. 2023.

WINCK, Otto Leopoldo. A narratologia de Gérard Genette. *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 20, n. 2 (2022), p. 112-126. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/2853/1692>. Acesso em: 30 jun. 2023.

WRITEUPS ORG. *Lieutenant-Colonel Etta Candy-Trevor*. 2011. Disponível em: <https://www.writeups.org/etta-candy-wonder-woman-dc-comics/>. Acesso em 23 fev. 2020.